

IVAN SERPA, ARTISTA-EDUCADOR: O "FANTÁSTICO
BRONQUEADOR"

Qual será o papel da arte na formação do cidadão? Os assuntos arte-educação, arte na educação e educação artística, vêm sendo discutidos com maior veemência nos últimos anos, apesar desses enfoques serem ainda muito tímidos e pouco debatidos em território brasileiro. Na Antigüidade, Platão já defendia o lugar da arte no ensino, mas até hoje esse instrumento não é explorado como deveria e, na maioria das vezes, fica cerceado de todas suas possibilidades. No século XX, a preocupação com o ensino de arte e a utilização desse instrumento no ^{escolas} ensino, vêm sendo revistos a cada dia, sobretudo após as pesquisas de autores como Rudof Steiner, Arno Stern e Herbert Read, esse último ^{autor de teorias} que muito influenciou ^{nam} escolas no mundo ocidental. A exemplo disso citamos a criação da Escolinha de Arte no Brasil, que teve como seu principal fundador o artista plástico Augusto Rodrigues¹, bem como teorias desenvolvidas pelas professoras Noemia Varela e Ana Mae Barbosa.

Nos anos 50, 60 e 70 houve um crescimento considerável de escolinhas de arte, momento que compreende, exatamente às atividades didáticas de Ivan Serpa como professor. Esse período foi marcado por políticas nacionais diferentes e teve início com o otimismo da era JK, mas terminou com um quadro educacional bem longe do desejável, ao longo da ditadura militar. Hoje, infelizmente, sentimos falta de algumas escolinhas de arte que ficaram esquecidas no passado, apesar de suas ausências causarem lacunas na atualidade.

No Brasil, poucas pessoas da área do ensino de artes são dotadas de um preparo específico e é muito comum o desconhecimento, pela parte de muitos, com relação ao significado do professor Ivan Serpa ~~e de sua Escolinha, bem como da atuação dos seus~~

¹ Artista amigo de Serpa e padrinho do seu casamento.

^{o artista-professor}
~~parce~~. Assim, ~~Ivan Serpa~~ vinha sendo esquecido como grande mestre que foi, dono de uma didática que pode servir de modelo para professores, até os dias de hoje.

A experiência de Serpa, no campo do ensino, teve seu início no final da década de 40, ainda influenciado por seu mestre Axl Leskoshek e pelas longas conversas que mantinha com Mário Pedrosa, de quem o jovem Ivan absorveu informações importantes sobre Arte Moderna, assim como aconteceu com outros ~~jovens~~ ^{ímigrantes} artistas do seu tempo.

Nesse momento, Ivan Serpa foi um dos criadores da Escolinha de Artes do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. É interessante notar que o curso nasceu junto com a construção do próprio museu, como se junto à brita e argamassa das estruturas de Afonso Reidy estivessem impregnados os primeiros passos dos discípulos de Serpa. Nessa escola-atelier se deu sua principal atividade docente. Apoiado, inicialmente, por membros do museu como, Niomar Munis Sodr e e Carmem Portinho, e mais tarde por outros ^{curadores do Museu} diretores como, [Frederico de Moraes e Roberto Pontual,] Serpa, na qualidade de professor de artes plásticas, muito pode desenvolver. Na Escolinha, também vieram a lecionar outros artistas-professores como Aluísio Carvão, Roberto Moriconi, Raimundo Colares, Cildo Meireles, ^{Antonio Pasquel} Lygia Pape, Ana Bella Geiger, Fayga Ostrower, entre outros.

À época do início da atuação da Escolinha do MAM, poucas eram as instituições de ensino que incentivavam os alunos a conceber trabalhos livres da cópia e dos moldes convencionais. Também ^{raros eram} como são até hoje, os artistas de grande projeção que se dedicavam, paralelamente à suas carreiras, ^{ao ofício do ensino}. Não apenas como mecanismo extra de sobrevivência, mas principalmente por vocação. Essa era mais uma característica de Ivan Serpa que via no ^{ensino} ~~ensino~~ uma missão. Ao seu lado, além dos colegas professores do MAM, devemos lembrar de alguns nomes que lecionaram fora do circuito carioca como, Amílcar de Castro e Alberto da Veiga Guignard, contribuindo, sobretudo em solo mineiro, para o ensino de arte no Brasil.

Além da ^{Escolinha} ~~Escolinha~~ de artes do MAM, ~~centro de sua principal atividade didática~~, Serpa também lecionou, inicialmente, na Escola Wladimir Matta, na Tijuca; na Escola Coelho Branco, em Copacabana; na Escola **Betânia**, em Niterói; no Instituto de Arte Infantil (criado numa casa, na rua Lins de Vasconcelos, nº 39, junto com os artistas Alberto

→ se houve assim??

Pinedo, Aluizio Carvão e Hélio Oiticica²). Também foi o criador do Centro de Pesquisas de Arte, ao lado de Bruno Taut, em Ipanema. Mas foi na Escolinha do MAM que Ivan deixou sua maior marca, como exemplo de educador que foi.

O MAM teve um significado muito especial para o Rio de Janeiro, um prédio dotado de um tipo de construção e de uma especificidade museológica muito novos para os cariocas daquela época que não estavam acostumados a essa linguagem de modernidade. Portanto, até mesmo a figura de Ivan Serpa era inusitada, como artista representante da vanguarda nacional e como professor que propunha um tipo de ensinamento de arte realizado em poucas escolas de até então. Os grandes espaços do prédio, a presença da paisagem da baía da Guanabara, as primeiras grandes exposições nas galerias, o cheiro de tinta exalados dos *ateliers*, cumpriam a função de tornar mágica a nova existência de um espaço tão raro.

Com o avanço dos cursos do museu, era feita uma seleção dos trabalhos dos alunos e realizadas exposições *anuais do MAM e periódicas*, não só em território nacional, mas algumas vezes fora daqui. Cumpre também salientar que a imprensa fazia cobertura efetiva dessas mostras, como atestam vários artigos de jornais como o "Correio da Manhã", "Jornal do Brasil", "A Notícia", entre outros. Assim, num ambiente onde a imprensa dava apoio menos compromissado e menos terceirizado, como muitas vezes acontece nos dias de hoje, Ivan e seus alunos foram bastante acompanhados por jornalistas que, vez por outra, falavam da experiência do artista-professor e de seu corpo discente. Lançavam artigos sobre a didática de Serpa e anunciavam e comentavam as exposições que eram organizadas pelo professor e pelo MAM. Importantes críticos e jornalistas escreveram sobre as turmas de *Escolinha do Museu* de Ivan Serpa como Frederico de Moraes, Jayme Mauricio e José Roberto Teixeira Leite, para citar apenas alguns. *(A quem seria interessante citar alguns livros e catálogos infantis)*

Quanto a sua própria experiência artística, lembremos que Ivan Serpa só teve contato efetivo com uma parte substancial da arte da modernidade internacional, no final da década de 50, quando realizou viagem de prêmio à Europa, onde ficou por quase dois anos. Boa parte do que conhecia, até então, vinha das coleções nacionais e dos muitos livros que gostava de consultar, bem como das informações passadas pelo crítico Mario Pedrosa,

² Nessa escola, na verdade, Ivan foi sócio e colaborador, mas *praticamente* não pode atuar como professor porque os dois anos da existência do Instituto coincidem com a estada do artista na Europa, em gozo do prêmio de viagem.

que mais adiante lembrou nos seus escritos da Escolinha de Artes do MAM, onde citou o nome de ^{Ivan} ~~Serpa~~ como um "fino condutor de crianças no campo de exercício criativo"³, dentro de um contexto de surgimento de escolinhas de arte no país.

Também Pedrosa foi autor, ao lado de ^{Serpa} ~~Serpa~~, do livro Crescimento e criação, editado pelo MAM, em 1954, onde fizeram algumas considerações sobre o trabalho das crianças nas turmas da Escolinha do museu.

Avido pesquisador, sempre muito bem informado, era freqüentador assíduo da Livraria Leonardo da Vinci, no centro da cidade, e muitas encomendas por lá realizou. Também manteve, muitas vezes, longas conversas com a Sra. Vana Piracini, proprietária do estabelecimento. Ivan sempre se cercou de pessoas com as quais pode dialogar e aumentar o seu universo cultural, como é o caso da amizade cultivada com Carlos Drummond de Andrade e Graciliano Ramos.

Ivan ~~Serpa~~ ^{Serpa} lecionou, sobretudo, para crianças, mas também orientou turmas de adolescentes e adultos. Através da orientação do artista-professor, muitos artistas, que encontraram projeção na carreira de artes plásticas, deram seus primeiros passos ou, ao menos, puderam gozar dessa convivência em parte de suas formações nos caminhos da arte. Entre alguns alunos, podemos citar, ^{8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15} Waltercio Caldas, Hélio Oiticica, Paulo Herkenhof....., Celeida Tostes⁴, Wanda Pimentel, Célia Schalders, Cybele Varela, Manoel Messias, Sônia von Bruscky, Luiz Ferreira, Geny Marcondes, Emil Forman, Paulo Gracez, Rosina Becker do Valle, Maria Elisa Martins da Silveira, Aparecida Azedo, Graubem Monte Lima, Miriam Cerqueira, Miriam Samburski, Zama e Ivan Morais, entre outros.

No contato íntimo, nas turmas de crianças, sempre muito observador, Ivan também ajudava aos pais dos alunos no compreender o universo infantil. Através das manifestações de trabalhos realizados pelos pequenos, o professor percebia determinadas questões a serem re-avaliadas no crescimento e na formação das crianças, bem como no tratar da relação entre pais e filhos. Assim, não se limitava em ensinar arte, mas, sobretudo, mostra um caminho para o melhor viver.

Contou Ivan Serpa como se deu a iniciativa de lecionar para crianças:

³ PEDROSA, Mario. Política das artes. São Paulo: EDUSP, 1995, P. 252.

⁴ Apesar de que a informação de que Celeida Tostes tenha sido aluna de Serpa foi encontrada unicamente num artigo escrito por Frederico de Moraes, e publicado em 1987, na revista de arte Galeria, n° 3.

"A idéia nasceu por acaso - começou ele - quando lecionava francês em um dos estabelecimentos do Rio. Notando a dificuldade dos alunos no aprendizado, comecei a empregar desenhos para representar certas figuras. O aproveitamento deles melhorou. Mas a grande oportunidade surgiu no dia em que substituí o professor de desenho: não estando a par do programa da matéria mandei que os alunos desenhassem o que lhes viessem à cabeça, o que bem quissem. A experiência foi surpreendente. Vi que essa liberdade representava muito para a formação infantil. Comecei a arquitetar planos que pus em prática em 1947, abrindo um curso particular em casa. Foram em número de 14 os primeiros alunos [...] A finalidade principal, básica, é dar liberdade à criança na manifestação de suas tendências ou de suas aptidões. Acredito que, através da arte, podemos inculcar na mente infantil inteira compreensão da vida, dando-lhe confiança em si mesmo e educando-lhe a vontade. A criança compreende que pode realizar o que tem vontade, o que muito auxilia na escolha da carreira futura."⁵

A palavra professor tem sua origem no latim *profari*, do grego falar⁶; portanto, professor é, ou pelo menos deve ser, aquele que fala, que mostra, que explica, que traduz. Alguns amigos dizem que Ivan não seria um professor, tal qual poderíamos esperar de ~~uma~~ ^{modelo} figura comum do seu tempo, para eles Ivan era muito mais um orientador, chegando a dizer - assim como também afirmou Lygia Serpa - que Ivan não gostava de ser chamado de professor. ^(mestre)

Deve-se respeitar a idéia do artista, entender a postura dos amigos e da viúva do pintor, entretanto manter a denominação professor para Ivan Serpa, como grande mestre que era, significa indicar o orientador que ~~era~~ sabia falar, auxiliar, mostrar caminhos, na medida adequada ao seu corpo discente. Da mesma maneira que é difícil encontrar outra denominação mais adequada para ele⁷.

^{Foi um professor}
~~Ivan Serpa era~~ bastante querido ~~como professor~~, apesar da maneira austera, disciplinada e severa com a qual conduzia suas aulas. O título "fantástico bronqueador" foi dado por Carli Moore Portella, numa entrevista⁸. Ex-aluna de Ivan, foi convidada para ser

⁵ COMO NASCEU A ESCOLINHA DE ARTES PARA CRIANÇAS. *O Diário*, Belo Horizonte, 20 jan. 1955.

⁶ HECKLER, Evaldo; BACK, Sebald; MASSING, Egon. *Opus cit.*, Vol. II, p. 1649 - 1650.

⁷ Pensamos também que essa recusa ao título de professor de Ivan Serpa e de amigos, também faça parte de uma necessidade inerente a uma época, onde romper com tradições estabelecidas era muito comum, na busca de novos caminhos no ensinar a arte.

⁸ Entrevista realizada por Hélio Ferreira, na casa da artista, em 09 / 01 / 1999.

sua monitora, mas o artista logo veio a falecer e ~~isso~~ não foi possível. Entretanto, no ano seguinte, 1974, Carli passou a ser sua substituta na Escolinha de Artes. O título "fantástico bronqueador" parece apropriado, já que Ivan era conhecido por seu temperamento duro e incisivo, temido por muitos. Mas, por trás desse "bronqueador", estava uma figura extraordinária, que usava de mão forte para conduzir o ensinamento devido aos discípulos, mas que também sabia agir com doçura quando necessário. O que para muitos parecia um aspecto de crueldade era, na verdade, um método disciplinar da melhor qualidade, conforme lembrou a professora Carli. *a monitora*

Ivan, como ele próprio dizia, não ensinava nada a ninguém apenas ajudava os alunos a encontrar respostas. Sua metodologia consistia numa evolução de exercícios através dos quais os alunos desenvolviam exaustivamente suas criações, fazendo com que as mesmas apresentassem, em si, suas necessidades, na busca da forma, da cor, do equilíbrio, da harmonia e da criatividade. Assim, uma primeira idéia era desdobrada e refeita inúmeras vezes, até encontrar resultado satisfatório. Havia um compromisso com o fazer, com o processo, trabalhando como operários (numa certa influência metodológica picassiana) os alunos iam encontrando suas próprias soluções. Esse também era o método de Serpa no desenvolver de sua própria obra, como podemos sentir através do seu imenso legado. Sempre uma preocupação com a estrutura e o todo da composição, sempre a liberdade, mas nunca o descaso. *da Carli*

Desenvolvia no aluno sua capacidade de auto-expressão, formando, antes de mais nada, um cidadão livre e capaz de fazer suas próprias escolhas. Algumas vezes o discente poderia se tornar um artista no futuro, mas o que mais importava era ~~fornar~~ *preparar* um indivíduo dono de suas próprias opiniões.

Como artista experimentador, Serpa sugeria aos alunos que percorressem também esse caminho. Assim, cada aluno, na sua busca particular, poderia por a prova e ensaiar várias possibilidades, encontrando respostas múltiplas, buscadas através das evoluções de seus próprios trabalhos. Falou o artista sobre sua didática:

"Nos cursos dou total liberdade às crianças, mas procuro desenvolvê-las através de si mesmas. Não ensino nada nem como devem utilizar o material, deixo que elas descubram sozinhas. Quando uma criança me pergunta como é que se faz a cor rosa, por exemplo, eu respondo por tabela como é que você acha que é? A

criança então diz que o rosa parece um pouco com o vermelho, eu digo a ela que já é um dos elementos que entram na composição da cor, e assim conversando comigo, ela acaba acertando. Faço questão que os alunos descubram o mundo encantado da cor e da própria forma, sozinhos, sem interferência minha.”⁹

Para ele o contato com as crianças era fundamental e através dessa relação podia extrair frutos para seu próprio trabalho:

“Cada dia a criança me surpreende. Estou sempre diante do que vai acontecer. Se sistematizasse meu método de ensino seria melhor não fazer mais nada.”¹⁰

“A pintura da criança teve uma influência indireta sobre minha arte. Foi olhando seus quadros que perdi o medo de empregar a cor. A criança não tem medo de empregar a cor.”¹¹

É curioso observar que Serpa falou acerca da não sistematização do método, o que era uma verdade, mas isso não significava um *laissez-faire*, havia uma abertura à novidade, mas sob um olhar atento e organizador:

“Uma vez fiz uma pesquisa de cor com as crianças e os resultados foram muito interessantes. Em determinado dia eu disse a eles: ‘hoje vocês vão trabalhar só com o vermelho, não importam que façam um trabalho bom ou ruim, mas usando só o vermelho. E noutros dias a experiência era feita com outras cores. Então observei que algumas crianças trabalhavam melhor com esta ou aquela cor, que outras trabalhavam bem com todas, senti a influência da cor sobre as crianças, em determinados períodos, o prazer com que descobriam as misturas que davam novas cores.”¹²

⁹ Falou Ivan Serpa no artigo Os pequenos pincéis. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 out. 1972, p.4.

¹⁰ Depoimento do artista em entrevista a Daniel Oliveira. Fonte ignorada, texto extraído em recorte de jornal guardado pelo pintor.

¹¹ A NOITE. *Pintura figurativa só para loucos primitivos*. Rio de Janeiro, 31 de mai. de 1957.

¹² JORNAL DO BRASIL. *Os pequenos pincéis*., Rio de Janeiro, 17 out. 1972.

Falou, também, sobre o emprego da ^{pintura a} ~~técnica do~~ óleo para crianças, desde o primeiro dia de aula. Essa técnica, difícil na sua execução, é proposta aos alunos, de uma maneira geral, após a introdução de outras técnicas mais fáceis. Entretanto, para Serpa a dificuldade de se trabalhar com o óleo de linhaça e pigmento poderia ser uma aliada, evitando que o aluno se iludisse em caminhos fáceis:

“Acho o óleo mais interessante porque é mais difícil, prende um pouco a mão da criança. Quando trabalha com tinta a base de água, as manchas, os resultados imprevistos agradam mais à vista.”¹³

Portanto, percebe-se que na sua proposta ele evitava o caminho da sedução imediata de manchas, preferia encontrar resultados finais após processos de produção, a busca do fazer era o mais importante a ser aprendido.

Como já foi dito, Ivan Serpa estava preocupado na formação de cidadãos e sabia que, através do ensino de arte, era possível tocar o ser e voltá-lo para um novo olhar, sensibilizando-o para um mundo criativo. Sabia que a arte como instrumental é capaz de tornar o sujeito livre para suas escolhas, portanto desenvolvido da sua potencialidade individual:

“Nosso interesse não é de que as crianças venham a se tornar artistas. De cem alunos é possível que um continue pintando. Mas essa geração que tem completa liberdade não verá a arte de sua época como a geração atual e sim como uma consequência lógica do desenvolvimento do progresso humano. Ela vai ter, também, capacidade de destinguir o que é bom do que não presta, porque sua visão está mais aguçada.”¹⁴

Serpa chegou a ser criticado por alguns que consideravam que o artista perdia seu tempo de pintor dedicando-se às atividades docentes, críticas as quais Ivan sempre revidava dizendo que aprendia muito com seus discípulos. Também não devemos nos esquecer que esse exercício de generosidade era também uma das características do perfil do caráter de ^{seu} ~~de~~

¹³ Depoimento do artista em entrevista a Daniel Oliveira. Fonte ignorada, texto extraído em recorte de jornal guardado pelo pintor.

¹⁴ Idem.

Serpa. Quantas vezes ofereceu seu material pessoal de trabalho ao aprendiz, ou até seu próprio atelier e o apoio incondicional? Segundo antigos alunos, Ivan sabia de cor o nome de todos e sabia reconhecer o trabalho de cada um, reconhecendo cada pormenor o que mostra a atenção individualizada dispensada por ele. Cuidadosamente, também tinha por hábito realizar *passee-par-touts* não só para dar acabamento aos seus trabalhos em papel¹⁵, mas também para alunos e colegas.

Nas suas aulas a turma trabalhava livremente, mas sempre sob olhar atento do mestre que, com coragem, oferecia técnicas inusitadas, mesmo aos recém-chegados no atelier. Todos trabalhavam como num ritual de amor à arte, regidos pela disciplina do mestre que era de juízo implacável, mas que, na maioria das vezes, era recebido por ouvidos atentos que sabiam que, por mais duro que poderia parecer, Ivan Serpa era dono de um olhar crítico como poucos e que sabia orientar à caminhos que alguns não enxergariam sem sua ajuda eficaz.

Falou Waltercio Caldas, em entrevista exclusiva:

“Nós botávamos o trabalho em exposição, não só para o Serpa, mas como para todas as pessoas que estavam presentes e existia uma espécie de corredor polonês amigável, em relação àquela obra. Isso era um processo muito interessante, porque não só ele dava para você noções do que você estava colocando no trabalho e às vezes você não tinha consciência, como também permitia que você enfrentasse pela primeira vez com o seu trabalho uma espécie de juízo, que aquele trabalho pudesse gerar nas pessoas, pudesse ocasionar. Nesse sentido talvez o primeiro contato que o meu trabalho tivesse tido com o público tenha sido nas aulas do Serpa, o que para mim foi também uma novidade na época. A partir daí eu acho que se estabeleceu uma conversa franca em relação à arte, junto com outras pessoas. [...] Nós submetíamos o trabalho ao juízo dele, e ele era, de certa maneira, uma pessoa que o juízo dele era implacável. Existe uma coisa muito boa nos juízos implacáveis, eles são justos e quando eles são justos eles são muito eficientes, e o Serpa tinha um juízo implacável mas tinha um juízo justo. Eu acho que por mais cruel que ele tenha sido às vezes em certas informações, ou por mais sincero que tivesse sido na época, e ele era, tanto para elogiar como para dizer “olha, você está equivocado em relação a isso que você está fazendo”, isso era feito de uma tal

¹⁵ Como ainda encontramos desenhos e pinturas suas conservadas com esse acabamento primoroso, guardados nos acervo da família do pintor.

forma eficiente, com conhecimento de causa e de forma tão justa, que isso por mais difícil que pudesse ser psicologicamente era extremamente benéfico do ponto de vista do trabalho. Então o que eu me lembro é que eu aprendi, também, com essa justiça implacável dele. Os artistas que freqüentavam a aula dele, eu acho que de uma certa forma iam para lá para ter esse tipo de análise sobre o trabalho, que eu acho que eu não me lembro que ninguém tivesse nessa época, a imprensa não tinha esse tipo de juízo, os próprios pares, as pessoas que freqüentavam ou que estavam querendo começar a freqüentar esse meio não tinham possibilidade de, realmente, discutir um assunto que era do interesse de poucos, e isso foi muito importante nesse sentido, se discutia profundamente sobre arte, se discutia profundamente sobre as tendências, enfim, e nós tínhamos a vantagem, de uma certa maneira e eu vejo isso hoje em dia meio de longe, de termos tido a oportunidade de nos relacionar com um expoente muito forte de uma tendência brasileira, que acabou se demonstrando historicamente fundamental para a história do Brasil, que é o neo-concretismo. O fato de que nós saímos da aula e íamos ver as exposições neo-concretas, porque ao lado da sala de aula, na época o MAM era só o bloco-escola, ele não tinha aquela parte de fora, então as exposições se davam naquelas salas que hoje em dia são administração, e as aulas eram dadas nas salas que ficavam do outro lado do corredor, então você tinha as aulas com o Serpa e depois saía de lá e ia ver as exposições de neo-concreto, de Lígia Clark, de Marvinier, de vários artistas concretos da época.”¹⁶

Grande parte dos trabalhos era feita no atelier-escola, mas também muitas vezes os alunos traziam trabalhos feitos em casa para serem discutidos em aula e, como podemos perceber no depoimento de Waltercio Caldas¹⁷ era costume de Ivan Serpa submeter os processos criativos realizados por alunos às análises de todo o corpo discente e, ^{ponto} por fim, pela crítica do mestre que, na maioria das vezes, era contundente e atingia questões fundamentais na evolução e ~~de~~ execução da obra, trazendo à tona um olhar que criticava e elogiava pontos que, outros olhares menos atentos, não conseguiam ver. Eram análises finas e definitivas. Através dessas discussões autor e colegas usufruíam dos conhecimentos do professor que também gostava de trazer, para as salas de aula, discussões sobre artistas

¹⁶ Trecho de entrevista de Waltercio Caldas concedida a Hélio Ferreira, no dia 28 / 10 / 2003.

¹⁷ Essa técnica do professor Serpa foi confirmada por outros alunos que também apontavam essa tática como bastante importante no processo evolutivo dos trabalhos.

de expressão. Assim falava-se do trabalho de pintores que ^{Juan} ~~Serpa~~ admirava como, Kandinsky, Klee, Picasso, Matisse, Rouault, Pancetti, Sigaud, entre outros.

Waltércio Caldas também lembrou do professor como um modelo:

“...na época o Serpa não era uma pessoa mundana, quer dizer, hoje em dia acho que se pode confundir um pouco de presença mundana com a presença do trabalho publicamente, mas na época o Serpa não era, certamente, uma pessoa mundana, era uma pessoa até um pouco reservada, mas o trabalho dele estava muito presente no mundo o tempo todo. Isso para mim sempre foi uma coisa muito marcante, quer dizer, numa época em que o modelo de artista para um jovem de 16 anos, eu acho que um jovem não procura só se identificar com outros artistas, ele procura de uma certa forma o modelo de artista que o agrada para ele poder, inclusive, ter uma noção do que é aquela profissão. Eram poucos os artistas profissionais naquele tempo, então não se tinha muito claramente uma noção do que era um artista profissional, e o Serpa me deu um modelo de comportamento profissional e artístico muito positivo, eu acho que isso contribuiu muito para eu acreditar que era possível você viver, ou pelo menos dedicar a vida a essa inclinação espiritual, eu costumo sempre dizer que é uma inclinação espiritual, não é uma profissão, e ele me deu isso muito claramente. Sempre relacionado a uma visão muito poética, ele era um estudioso, ele estudava profundamente, o tempo todo, e isso não impedia de ser um artista que se dedicava constantemente ao seu trabalho. Me lembro que na época era um dos poucos artistas que tinha atelier, tanto que você deve ter percebido em algumas entrevistas que era importante a presença do atelier do Serpa na cidade. [...] Ele poderia e era um modelo de comportamento e seriedade na profissão para quem começava naquela época. Eu estou realçando isso um pouco porque acho isso importante. Eu fico imaginando hoje um artista começando, se nós pegarmos esse mesmo problema, só abrindo um parêntese no que você falou, mas se um jovem artista hoje em dia que queira selecionar modelos ele vai ter os mais diferentes tipos de modelo a disposição. Eu acho que na época nós tínhamos poucos modelos, porque, veja bem, ser um artista significa, na realidade, você criar um artista dentro de você, significa você dizer “eu quero ser tal tipo de artista e não outro”, quer dizer, não é só com o trabalho, é com a atitude ética dentro de você, é com o comportamento, é com um esclarecimento do que você passa a considerar importante e aquilo vai se refletir no seu trabalho, quer dizer, são várias coisas. Na realidade quando você monta um artista dentro de você, você monta uma possibilidade para a sua vida, então não é só fazer um trabalho, é criar uma circunstância dentro de você

que lhe permita suportar as dificuldades do caminho, que lhe permita fortalecer as suas convicções, que lhe permita ter uma atitude honesta e correta em relação a essa ocupação. Nesse sentido acho que o Serpa foi um ótimo professor."¹⁸

Muitas vezes alguns alunos também trabalhavam no atelier pessoal do artista, no bairro do Méier. Muitos domingos foram vividos ali entre ~~Serpa~~^{o professor}, discípulos e amigos que juntos trabalhavam, ou discutiam arte. Esse convívio, dentro de casa, trouxe uma proximidade bastante grande entre alguns alunos e a família do pintor. A viúva, Lygia Cardoso Ferreira Serpa, deve ser lembrada como peça fundamental nesse ambiente familiar, já que sempre foi muito participante nas atividades profissionais do marido¹⁹. Ali, no atelier, que existe até hoje na casa dos ~~Serpa~~^{a família}, Ivan trabalhava com os alunos emprestando, não apenas seu espaço de trabalho, mas também seus materiais, oferecendo maior familiaridade com as obras feitas por ele e criando um espaço de generosidade, reconhecido numa relação que transcendia a relação professor-aluno e chegava ao campo da amizade.

No ~~atelier de Ivan~~^{me}, também ocorreu uma de suas atividades docentes de maior destaque, a convivência com o aluno Darcílio Lima, enviado pela Dra Nise da Silveira, amiga de Ivan e que tinha Darcílio como cliente. A médica o indicou ao professor por considerar o trabalho do rapaz ~~com~~^{um menino} grande potencial, como também indicou outros alunos aos ensinamentos do mesmo docente. Entretanto, Darcílio se sobressaiu entre os demais, realizando, durante quase dois anos, uma obra de relevante fatura surrealista. Com o decorrer desse convívio o aluno muito pôde se desenvolver no campo das artes ~~e~~ ao lado de Serpa, ~~que~~^{Juan} dessa maneira, pode ajudá-lo a buscar maior dignidade como cidadão, apesar da sua enfermidade.

Assim, podemos considerar Ivan Serpa como figura fundamental no ensino de artes plásticas no Brasil, um mestre que para sempre deve ser lembrado e que seu país não vem fazendo juz a seu legado. Mais do que uma lembrança, sua didática deve servir como um paradigma que permanece atual até hoje, podendo seu modelo ser seguido fazendo as devidas alterações que nossa época tem a exigir. Evoluíram as técnicas, mudaram-se os pensamentos e os enfoques das necessidades humanas, mas a arte permanece como um dos

¹⁸ Trecho de entrevista de Waltercio Caldas concedida a Hélio Ferreira, no dia 28 / 10 / 2003.

¹⁹ Até hoje, Lygia Serpa representa uma peça fundamental no legado do artista, cuidando com raro esmero do acervo e documentos deixados pelo esposo.

principais instrumentos na formação dos cidadãos. Essa foi a principal mensagem por ele deixada.

~~Por fim,~~ escreveu Carlos Drummond de Andrade, num texto do catálogo da 5ª exposição de Pintura de Crianças, alunos de Ivan Serpa, no MAM:

“Socorrendo-nos de verdades provisórias de psicologia e antropologia cultural, chegaremos a entender um pouco a linguagem das manifestações plásticas da criança que já fomos e de que perdemos consciência. Um pouco. O resto será invenção do amor, este mestre da boa vontade, embora corramos sempre o risco de ver o que não existe, e de omitir o que está claro. Não impetra. À força de contemplar, observar e permitir o livre curso de aventura mental e manual, acabará o adulto por compreender o que lhe dizem as crianças. Isso o reintegrará em suas fundações, e talvez o habilite a tornar menos dura a vida dos pequenos, inclusive os felizes. Não são pintores, não são poetas estes meninos: são meninos, o que é muito mais misterioso, por absurdo que pareça – e também muito mais delicioso.”²⁰

²⁰ DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. 5ª Exposição de Pintura de Crianças. Rio de Janeiro, MAM, 1956.